

① A concepção de conhecimento de Berkeley é mentalista e idealista. Berkeley acredita que o mundo é composto de apenas um tipo de coisa, em vez de duas, como a maioria das pessoas hoje em dia acredita (corpo e alma, matéria e espírito, etc.) Para Berkeley, no universo há apenas "uma substância, o espírito, o percipiente". Por isso, pode-se entender que Berkeley nega a existência da matéria, pois só há o espírito que percebe. As coisas percebidas (o que chamaríamos de matéria) são apenas ideias em uma mente que percebe — e, em última análise, na mente de Deus. O oposto do Idealismo é o Materialismo. Para os materialistas, a única substância no universo é a matéria. Desse modo, costumam eliminar a existência de qualquer coisa não-material (a alma, Deus, etc.).

O artigo "Deis dogmas do Empirismo" é considerado um dos mais influentes do século XX. Nele, Quine apresenta sua adesão ao empirismo, ao mesmo tempo em que denuncia os seus abusos (ou dogmas).

O embate entre empirismo e racionalismo surge, pela primeira vez, no contexto da medicina Grega. A questão era se o médico deveria, além de examinar o paciente e tratar os sintomas, ainda especular sobre as causas dos sintomas — o que necessariamente o levaria para além das aparências, a tentar conhecer para além dos fenômenos. O empirismo, de um modo geral, consiste em sustentar que o conhecimento se origina com a experiência, sendo esta a nossa fonte principal — ou exclusiva — de conhecimento. Na filosofia moderna, os maiores representantes da tradição empirista são Locke, Hume, Condorcet, entre muitos outros.

O racionalismo afirma que a razão é também uma fonte de conhecimento, por si só, e muitas vezes sustenta que há ideias inatas. O acesso direto à razão, através da introspecção, poderia produzir conhecimento verdadeiro. Os maiores racionalistas modernos são Descartes, Leibniz e Spinoza. Notoriamente, Kant deu uma solução ao embate entre empirismo e racionalismo (bem como entre idealismo e materialismo, segundo o próprio Kant) com o seu Idealismo Transcendental — todo conhecimento começa com a experiência, mas não deriva necessariamente dela. Para Kant além do dado sensível da experiência, temos um aparato mental e racional, e o somatório de ambos é o que chamamos de fenômeno, o mundo que nos aparece. Com isso, podemos entender Dume: os objetos físicos também são fenômenos, também são construídos em nossa experiência do mundo. Não são dados fixos.

2) A tese popperiana é importante na medida em que entende valores científicos e extracientíficos como esferas diferentes. Popper não sugere que haja uma hierarquia entre estas esferas. Tendo em vista que hoje em dia o cientificismo (a crença de que apenas a ciência é um saber verdadeiro e legítimo) é uma crença dominante, apresenta o extracientífico como uma esfera independente e autônoma, pode ser considerado algo importante. Contudo, isto é apenas algo que se pode depreender do modo como Popper apresenta a sua tese. A sua preocupação central parece ser, sobretudo, orientar que o trabalho científico deve ser protegido, resguardado de influências externas. Ao fazer ciência; ao conceber um modelo de análise, ao desenvolver uma metodologia de pesquisa ou interpretar seus resultados, o cientista (ou o investigador) deve estar atento para não ser influenciado por valores extracientíficos, como crenças e interesses pessoais, fé religiosa, filiação política, etc. (e a comunidade científica atenta a possíveis distorções).

Essa recomendação lembra muito aquela feita por Max Weber, segundo a qual, embora uma imparcialidade completa seja impossível, devemos buscá-la tanto quanto possível. Contudo, pode-se levantar uma objeção a esta tese. Como é possível classificar esferas de valor?

Se a ciência é ela própria uma "esfera de valor", não devemos colocá-la própria em questão e problematizá-la? Uma "tarefa da crítica da discussão científica" deve ser colocar a própria ciência em questão, a ciência como valor e como local privilegiado de produção de valor e de verdade deve ser problematizado, em vez de se buscar a "pureza" da atividade científica — nas palavras de Popper, "excluir as valorizações extracientíficas".

dos problemas concernentes à verdade" (A lógica das ciências novas). Pode-se notar que a classificação de valores em esferas efetuada por Popper traz consigo uma valoração que lhe é própria. Podemos afirmar — um tanto *ad hominem* (argumento dirigido contra o homem, a pessoa) — que o filósofo alemão não seguiu o seu próprio conselho, e deixou a sua concepção de mundo, de acordo com a qual a ciência é o mais elevado saber, guiar a suas reflexões sobre a ciência. O mesmo parece se repetir em sua visão do "problema da demarcação": separar ciência da pseudociência torna-se sinônimo de separar verdadeiro e falso.

③ Nas primeiras páginas da "Fenomenologia do Espírito", Hegel nos oferece a seguinte provocação: às vezes, o medo de enasfã é o nosso erro. A indicação de Adorno parece seguir uma linha de raciocínio parecida em relação à Epistemologia (ou teoria do conhecimento), campo da filosofia que se ocupa da questão de como é possível conhecer, e se conhecemos, como o conhecemos quanto que conhecemos. Para entender melhor o texto de Adorno, vamos primeiro voltar ao século XVII.

A epistemologia moderna é dominada pelo "espectro do ceticismo". A "ameaça", "desafio", o "dragão cético" assombra a epistemologia desde Descartes, ou até mesmo um pouco antes dele. Segundo Richard Popkin, Descartes foi o mais bem-sucedido "São Jorge" que, apesar de seu sucesso e até apesar dele mesmo foi visto por muitos de seus contemporâneos como um cético distorcido. Refletindo sobre o "mundo virado de ponta cabeça" (C. Hill) em que vivia, Descartes lançou novos alicerces para o saber humano, independentemente de costumes e de toda a tradição, pois estava severamente abalada. No geral, Descartes foi muito bem-sucedido: sua filosofia foi a ponta de lança para o surgimento de um novo modelo de verdade. A verdade moderna, cartésiana, é clara, distinta, livre de dúvida.

Um pouco antes, no século XV, o ceticismo Grego foi redescoberto por eruditos florentinos. O ceticismo antigo entra nessa estória, em especial, devido ao "problema da Justificação": toda tese ou é evidente por si mesma, ou apóia-se em outra tese, argumento em teoria. Se for considerada evidente por si mesma, o cético a rejeita como "mera suposição". Se for apoiada por

outra tese, o mesmo se repete: ou é mera suposição (mas que se diz ser uma verdade autoevidente), ou apóia-se em ainda outra tese. E, desse modo, isto ou repete-se ao infinito, ou se chega a uma circularidade quando se diz que duas teses, na verdade, apóiam-se e sustentam-se mutuamente (argumento circular). Este é, grosso modo, o assim chamado trilema de Agrippa, ou os Cinco tropos de Agrippa (ver Sexto Empírico, *Hypotyposes Pirrônicas*).

A maior parte de epistemologia no século XX e, com efeito, desde Descartes, resume-se a tentar defender o modelo de verdade criado por Descartes do "espectro" do ceticismo — o que, após 400 anos de tentativas, mostrou-se inútil. Nem pode o ceticismo ser derrubado, pois fica em pé enquanto tiver um adversário, nem pode Descartes ser refutado a partir do próprio modelo por ele criado.

Adorno nos aponta a saída quando afirma que se deve retornar ao núcleo da Epistemologia, e refletir sobre como se conhece realmente. Devemos nos afastar do modelo de verdade cartesiano, e descobrir novas formas de conhecer e de conhecer como conhecemos.